



POR UMA ABORDAGEM HIERÁRQUICA DA GRAMATICALIZAÇÃO - UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE -

TOWARDS A HIERARCHICAL APPROACH TO GRAMMATICALIZATION - A CASE STUDY -

Michel Gustavo Fontes*

RESUMO

O objetivo deste artigo é caracterizar o que tem sido chamado de ‘abordagem hierárquica da gramaticalização’ (cf. HENGEVELD, 2017; FONTES, 2016; 2018). A intenção é, portanto, mostrar de que modo é possível compatibilizar os pressupostos teórico-metodológicos que arquitetam o modelo da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), com os princípios que definem e identificam o processo de gramaticalização, em sua concepção mais clássica (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; BRINTON; TRAUGOTT, 2005). Para tanto, toma-se, como objeto de estudo e de descrição linguística, a multifuncionalidade do item ‘ainda’ no português contemporâneo, caracterizada, por Fontes (2016), a partir de quatro diferentes usos: ‘ainda’ fasal, ‘ainda’ polar, ‘ainda’ enfático e ‘ainda’ expansivo. O artigo demonstra que esses quatro usos de ‘ainda’ evidenciam uma trajetória de gramaticalização que, com base na Gramática Discursivo-Funcional, pode ser descrita a partir de dois tipos de mudança, conforme propõe Hengeveld (2017): uma mudança de conteúdo, caracterizada pela expansão (ou pelo aumento) nas relações de escopo contraídas por ‘ainda’, e uma mudança formal, marcada pela decategorização de ‘ainda’.

Palavras-chave: funcionalismo; gramaticalização; Gramática Discursivo-Funcional.

ABSTRACT

The aim of this paper is to characterize the hierarchical approach to grammaticalization, as it has been developed by Hengeveld (2017), Fontes (2016; 2018), among others. The main purpose here is to argue in favour of a dialogue between Functional Discourse Grammar model (FDG; Hengeveld; Mackenzie, 2008) and grammaticalization principles (Hopper; Traugott, 2003; Brinton; Traugott, 2005). To do so, the investigation focus on describing the multifunctionality of ‘ainda’ in contemporary Portuguese. Based on Fontes (2016), this paper distinguishes four different uses of *ainda* (fasal, polar, emphatic and expansive), which are arranged in a continuum between Lexicon and Grammar. These results indicates a grammaticalization process that, based on FDG, can be described within two types of change, as proposed by Hengeveld (2017): a content change, characterized by the expansion (or increase) in the scope relations contracted by ‘ainda’, and a formal change, marked by the decategorization of ‘ainda’.

Keywords: functionalism; grammaticalization; Functional Discourse Grammar.

*Professor Adjunto na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas (CPTL). Este artigo revisa alguns resultados apresentados em Fontes (2016). Parte desse trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Qualquer abordagem ou corrente linguística que se insira no interior do que se vem denominando de *funcionalismo linguístico* compartilha de, ao menos, dois princípios teórico-metodológicos basilares (cf. BUTLER, 2003): (i) a concepção de língua/linguagem como instrumento de interação verbal, e (ii) uma visão não autônoma da faculdade linguística, da gramática e da sintaxe. Decorre, então, desses posicionamentos a crença funcionalista de que (i) a capacidade linguística não é um módulo independente de outras capacidades cognitivas, (ii) a estrutura gramatical é, em grande medida, condicionada por fatores comunicativos e cognitivos relativos ao uso que se faz da língua, e (iii) os fenômenos morfossintáticos são determinados por questões de ordem semântico-pragmática (cf. BUTLER, 2003).

A Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), conforme concebida por Hengeveld e Mackenzie (2008), oferece um modelo de descrição gramatical seguindo tais pressupostos funcionalistas. A característica central de sua arquitetura é, conforme Butler e Taverniers (2008), a abordagem modular, estratificada e hierarquicamente ordenada dos componentes linguísticos, ponto que a diferencia fortemente de outros *funcionalismos*. Este artigo procura, então, explorar o modo como a concepção de gramática por trás da arquitetura da GDF permite investir na descrição e/ou na análise de um fenômeno/processo linguístico de importância e interesse bastante particular para os funcionalistas: a gramaticalização.

O objetivo central, aqui, é caracterizar o que se vem chamando, no âmbito dos estudos sobre a GDF, de *abordagem hierárquica da gramaticalização* (cf. HENGEVELD, 2017). Esta investigação integra o âmbito de uma série de trabalhos¹ desenvolvidos com o propósito de buscar um diálogo entre os pressupostos teórico-metodológicos da GDF e os princípios da gramaticalização, em sua concepção mais clássica (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994; HEINE; KUTEVA, 2007; BRINTON; TRAUGOTT, 2005).

Para proceder com esse exercício de reflexão e de análise linguística, recorta-se, como objeto de estudo, a multifuncionalidade do item *ainda* no português contemporâneo (cf. MARTELOTTA, 1993; LONGHIN-THOMAZI, 2004; 2005; GRITTI, 2008; 2013; FERREIRA, 2011; FONTES, 2016). A partir de dados secundários retirados do trabalho de Fontes (2016), este artigo segue dois objetivos específicos: (i) descrever e caracterizar, com base no modelo da GDF, os distintos usos de *ainda* no português contemporâneo e, a partir dessa descrição, (ii) determinar em que medida a multifuncionalidade de *ainda* fornece evidências para um processo de gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; HEINE; KUTEVA, 2007; HENGEVELD, 2017). Acredita-se que, ao seguir tais objetivos, será possível precisar os dispositivos de análise oferecidos pelo modelo da GDF para abordar casos de gramaticalização como o de *ainda*, no português.

Este artigo, para tanto, estrutura-se em duas seções centrais: a primeira abarca os fundamentos teóricos que embasam o trabalho, apresentando o modelo da GDF e o que se tem chamado de *abordagem hierárquica da gramaticalização*; a segunda, por sua vez, caracteriza a multifuncionalidade de *ainda* e demonstra como essa multifuncionalidade pode ser tratada, a partir da abordagem da GDF, como um caso de gramaticalização. As considerações finais encerram o trabalho, sugerindo algumas implicações para o desenho de uma *abordagem hierárquica da gramaticalização*.

1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1.1. A GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

A GDF pode ser tomada como uma teoria estrutural-funcional de gramática: seguindo fortemente uma orientação tipológica, a GDF está preocupada, centralmente, em abordar fenômenos formalmente (morfossintática ou fonologicamente) codificados nas línguas, alinhando-os a aspectos semânticos e pragmáticos. Isso, de certa forma, leva a GDF a ocupar uma posição intermediária entre o funcionalismo radical e o formalismo radical.

Concebida no interior de uma teoria mais geral da interação verbal, a GDF corresponde a seu Componente Gramatical, articulado a três componentes não linguísticos: o Componente Conceitual (onde se forma a intenção comunicativa), o Componente Contextual (que abriga

informações cotextuais e situacionais envolvidas na produção de uma expressão linguística) e o Componente de Saída (*output* de toda operação realizada no Componente Gramatical). Por trás da arquitetura do Componente Gramatical, atuam duas operações: a formulação, responsável por converter representações conceituais, provenientes dos componentes Conceitual e Contextual, em representações pragmáticas e semânticas, e a codificação, que transforma o *input* da formulação em material linguístico, isto é, converte representações pragmáticas e semânticas em padrões estruturais de natureza morfossintática e/ou fonológica.

A operação de formulação dá bases para os níveis Interpessoal e Representacional. O Nível Interpessoal capta distinções, desde que marcadas formalmente, próprias da interação entre falante e ouvinte e, assim, estrutura-se a partir de unidades retóricas, que refletem o modo como os componentes de um discurso se estruturam para atingir a estratégia comunicativa do falante, e unidades pragmáticas, que dizem respeito ao modo como o falante modela sua mensagem tendo em vista suas expectativas comunicativas em relação ao ouvinte.

A formalização disposta em (1), a seguir, abriga as camadas que organizam hierarquicamente o Nível Interpessoal: o *Movimento* (M), camada mais alta, pode conter um ou mais *Atos Discursivos* (A), que, por sua vez, pode estar formado por uma *Ilocução* (F), por *Participantes* como *Falante* ((P₁)_S) e *Ouvinte* ((P₂)_A) e por um *Conteúdo Comunicado* (C). O Conteúdo Comunicado pode compor-se de *Subatos*, *Referenciais* (R) ou *Atributivos* (T).

$$(1) (M_1: [(A_1: [(F_1) (P_1)_S (P_2)_A (C_1: [(T_1)_{\{\Phi\}} \dots (T_{1+N})_{\{\Phi\}} (R_1)_{\{\Phi\}}] (C_1)_{\{\Phi\}}]) (A_1) \dots (A_{1+N})_{\{\Phi\}}]) (M_1))$$

Já o Nível Representacional trata da semântica de uma expressão linguística, abrigando aspectos formalmente codificados de uma unidade linguística que refletem seu papel no estabelecimento de uma relação com o mundo real ou imaginário que ela descreve. Sua organização em camadas se dá a partir de categorias semânticas ou ontológicas, conforme demonstra a formulação em (2): Conteúdos Proposicionais (p), camada mais alta, podem conter um ou mais Episódios (ep), conjunto de estados-de-coisas que compõem uma unidade tematicamente coerente em termos de Tempo (t), Locação (l) e Indivíduos (x); Estados-de-Coisas (e) correspondem a eventos e estados localizáveis no tempo e no espaço e podem conter, em seu interior, uma Propriedade simples, denominada de Propriedade Lexical (f), ou uma Propriedade mais complexa, chamada de Propriedade Configuracional (f^c), que, de natureza composicional, abarca o conjunto de esquemas de predicação permitidos numa língua.

$$(2) (p_1: [(ep_1: [(e_1: [(f^c_1): [(f_2)^n(x_1)_\Phi \dots (x_{1+n})_{\{\Phi\}} (f^c_1)) \dots (f^c_{1+n})(e_1)_{\{\Phi\}}] \dots (e_{1+n})_{\{\Phi\}}]) (ep_1) \dots (ep_{1+n})_{\{\Phi\}}]) (p_1))$$

A operação de codificação, por fim, edifica os níveis Morfossintático e Fonológico. Cabe, ao Nível Morfossintático, tomar o *input* proveniente dos níveis Interpessoal e Representacional e convertê-lo em unidades analisáveis morfossintaticamente. A formalização em (3) traz as unidades morfossintáticas com que trabalha esse nível: a Expressão Linguística (El), a Oração (Cl), o Sintagma (Xp), e a Palavra (Xw).

$$(3) (El_1: [Cl_1: [(Xw) (Xp_1: [(Xw) (Xp_2) (Cl_2)] (Xp_1)) (Cl_3)] (Cl_1)]) (El_1))$$

O Nível Fonológico, por fim, fornece uma representação fonológica para os aspectos linguísticos não codificados morfossintaticamente. Esse nível se estrutura hierarquicamente em camadas que, abrigando representações segmentais e suprasegmentais, refletem a tradicional proposta da Fonologia Prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986).

As operações de formulação e de codificação, assim como seus níveis correspondentes, são ‘alimentadas’ por elementos denominados de primitivos. O interesse deste artigo recai sobre os primitivos que ‘alimentam’ a operação de formulação. São eles:

(i) *núcleo e função*: o primeiro, de natureza lexical, é peça de informação central de uma camada; já o segundo corresponde a uma estratégia altamente gramatical e relacional, vinculando, semântica ou pragmaticamente, unidades linguísticas;

(ii) *modificadores*, estratégias lexicais que restringem a denotação ou a evocação de uma camada,

(iii) *operadores e operadores lexicais*, expressões que especificam o conteúdo designado ou evocado por uma camada. A diferença entre eles reside em seu estatuto léxico-gramatical: o primeiro tem alto grau de gramaticalidade, enquanto o segundo ocupa posição intermediária entre léxico e gramática (KEIZER, 2007).

1.2. ABORDAGEM HIERÁRQUICA DA GRAMATICALIZAÇÃO

A necessidade de se rever e de se implementar continuamente o modelo da GDF tem conduzido seus estudiosos a uma reflexão em torno de suas possibilidades de uso e de aplicação. Uma delas encontra-se na tentativa de abordar, à luz dos princípios e pressupostos que arquitetam a GDF, casos de gramaticalização, linha de investigação que tem sido denominada de *abordagem hierárquica da gramaticalização* (HENGEVELD, 2017; FONTES, 2016; 2018).

A proposta de Hengeveld (2017) é abordar a gramaticalização enquanto dois processos independentes, que seguem caminhos previsíveis: uma **mudança de conteúdo**, que, mais relacionada à significação semântico-pragmática, envolve alterações nas relações de escopo contraídas por um item ou por uma construção; e uma **mudança formal**, abarcando mudanças categoriais que mapeiam a gradativa perda de lexicalidade por parte de um item ou de uma construção, contrabalanceada por um gradativo aumento de gramaticalidade.

Para delinear a trajetória de mudança de conteúdo, Hengeveld (2017) opta por conceber as relações de escopo em termos de camadas que organizam os níveis Interpessoais e Representacionais. Seguindo a organização hierarquicamente ordenada das camadas desses níveis, o autor prevê que uma mudança de conteúdo implica expansão nas relações de escopo contraídas por uma forma linguística, desenvolvendo-se de camadas mais baixas em direção a camadas mais altas.

Conforme representa a figura 1, esse aumento de escopo, característico da mudança de conteúdo, pode se dar em três vias: no interior de cada nível, de modo que o aumento de escopo pode se dar (i) entre as camadas que compõem o Nível Representacional ou (ii) entre as camadas que compõem o Nível Interpessoal, desenvolvendo-se de uma camada mais baixa para uma camada mais alta no interior de cada nível; ou (iii) entre os níveis, isto é, o aumento de escopo pode partir do Nível Representacional em direção ao Nível Interpessoal.

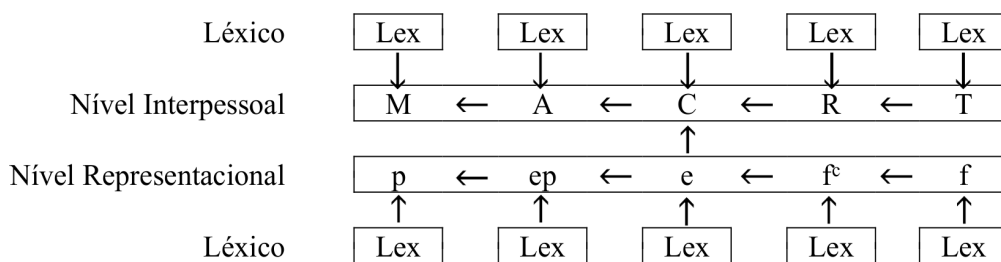


Figura 1. Mudança contentiva na GDF (HENGEVELD, 2017, tradução nossa)

Por sua vez, a mudança formal é caracterizada, por Hengeveld (2017), com base nos primitivos que alimentam a formulação de uma expressão linguística. Seguindo a proposta de Keizer (2007), que prevê um contínuo de lexicalidade/gramaticalidade entre lexemas (modificadores) e operadores, sendo os operadores lexicais um ponto intermediário nesse contínuo (isto é, a categoria de estatuto intermediário entre léxico e gramática), Hengeveld (2007) desenha uma escala de mudança formal contendo três primitivos da formulação: lexemas > operadores lexicais > operadores. A esse *cline*, que vai do lexical para o gramatical, Souza (2012, p. 90) acrescenta duas outras categorias de primitivo: núcleo e função. Dessa forma, um percurso de mudança formal poderia ser descrito conforme o seguinte *cline*: núcleo > modificador > operador lexical > operador > função.

Tendo isso em vista, Hengeveld (2017) considera que a GDF oferece um arcabouço teórico-metodológico bastante eficaz no mapeamento e na captura de processos e mecanismos envolvidos na gramaticalização de uma forma linguística. Este trabalho insiste em demonstrar e exemplificar tal aplicabilidade do modelo.

2. EXERCÍCIO DE ANÁLISE: O CASO DE AINDA NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

2.1. A MULTIFUNCIONALIDADE DE AINDA NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Fontes (2016) caracteriza a multifuncionalidade de *ainda* no português atual a partir de quatro distintos usos: (i) *ainda* fasal, (ii) *ainda* polar, (iii) *ainda* enfático e (iv) *ainda* expansivo. Para tanto, segue a proposta de Hengeveld (2017), mapeando as variadas relações de escopo contraídas pelo item e determinando seus distintos estatutos categoriais enquanto primitivo da formulação.

Em (4), são trazidos exemplos de *ainda* fasal. Ao sinalizar a persistência ou a continuidade do estado ou evento descrito pela sentença, *ainda* atua na especificação da constituição temporal interna do estado-de-coisas, marcando certa relação entre o ponto de referência temporal do estado-de-coisas e a fase de seu desenvolvimento.

Seguindo a proposta de Auwera (1998), a aplicação de *ainda* às sentenças em (4) faz pressupor que a fase do estado-de-coisa ali descrito já se dava previamente, em momento temporal anterior, ou melhor, *ainda*, em (4), gera, para a representação do estado-de-coisas, uma perspectiva pressuposicional, que, de caráter retrospectivo, estabelece uma relação entre o estado-de-coisas e o tempo designados pela sentença e o estado-de-coisas e o tempo que o precedem. Nesse sentido, Fontes (2016) opta por tratar *ainda* como forma de expressão de aspecto fasal no português, ou melhor, como um **operador lexical** de aspecto fasal, um primitivo do Nível Representacional.

- (4) a Quem não precisa perguntar não precisa fazer dança. Pode escolher outro caminho. Entendi cedo, ***ainda* estudante na Folkwang, em Essen**, que todo e qualquer movimento, do mais simples pliê (pequeno movimento de flexionar os joelhos) à frase coreográfica mais complicada, deve ser feito apenas e tão somente se não puder deixar de ser executado daquela maneira. (FONTES, 2016, p. 58)

NR: (*ainda* f₁: **estudante**_{Adj} (f₁)) (na Folkwang, em Essen (σ)) (f₁)

- b Nessa época do ano, ocorre normalmente uma queda de vendas - do final de agosto até o final de setembro. Além disso, há um aspecto nacional. **O país está vivendo *ainda* as acomodações do Plano Real** e isso provoca incertezas. (FONTES, 2016, p. 58)

NR: (Pres e₁: (Prog fc₁: [(*ainda* f₁: **viver**_V (f₁)) (x₁: o país (x₁)_A) (x₂: as acomodações do Plano Real (x₂)_U]) (fc₁)) (e₁))

- c mas o que eu acho é que **o pessoal não se equipou *ainda* aqui para isso** (FONTES, 2016, p. 59)

NR: (não e₁: [(*ainda* fc₁: [(f₁: **se equipou**_V (f₁)) (x₁: **a equipe** (x₁)_A]) (fc₁))] (e₁): [aqui] & [para isso] (e₁))

O que diferencia os exemplos em (4) são as distintas relações de escopo que *ainda* fasal pode contrair no interior do Nível Representacional. Enquanto operador lexical de aspecto fasal, *ainda* especifica a constituição temporal mais interna do estado-de-coisas, de modo que seus escopos se restringem às camadas mais internas da predicação.

Em (4a-b), o escopo de *ainda* recai sobre lexemas simples, denominados, no interior da GDF, de **Propriedade Lexical** (f): em (4a), *ainda* escopa o Adjetivo *estudante*, fazendo pressupor que a fase positiva do estado de *ser estudante* já se dava em um momento anterior ao evento de *entender cedo* (*antes de 'entender cedo' já era estudante e, ao 'entender cedo', continuava a ser*); já em (4b), o escopo de *ainda* recai sobre o Verbo *viver*, sinalizando que, num momento temporal anterior ao momento de fala, já ocorria a fase de *o país estar vivendo as acomodações do Plano Real*.

Já em (4c), ao fazer pressupor que a fase negativa do estado-de-coisas ali descrito já se dava em um momento anterior (*antes a equipe já não estava equipada aqui para isso e continua a não estar*), *ainda* fasal contrai relação de escopo com toda a predicação, isto é, amplia-se seu escopo para a **Propriedade Configuracional** (fc).²

As sentenças em (5), por sua vez, exemplificam o uso polar de *ainda*. Nesse segundo uso, *ainda* traz duas perspectivas para a representação do estado-de-coisas: (i) a perspectiva pressuposicional, fazendo pressupor que a fase do estado-de-coisas descrito já ocorria previamente, e (ii) a perspectiva alternativa, que, de caráter prospectivo, implica uma expectativa de mudança em termos de polaridade (de positivo para negativo ou de negativo para positivo), gerando um contraste entre a fase atual do evento e a sua potencial fase contrária em termos polares (cf. AUWERA, 1998).

- (5) a E nós esperamos que isso também seja resolvido ao lado de outros como os escândalos dos precatórios e do orçamento. **Tudo isso ainda está no ar.** O povo tem exigido apuração. (FONTES, 2016, p. 73)
 NR: (**ainda** e₁: tudo isso está no ar (e₁))
- b Sinto grande potência no Matalanamao e na Eletron Soul, de Candeias. Não sei porque **a Eddie ainda não gravou.** Na coletânea Brasil Compacto, a Eddie era o melhor disparado. (FONTES, 2016, p. 73)
 NR: (neg **ainda** e₁: a Eddie gravou (e₁))

Em (5a), além de fazer pressupor que fase positiva do estado-de-coisas ali descrito (*tudo isso estar no ar*) já ocorria em um momento temporal anterior, *ainda* implica certa expectativa por mudança em relação à polaridade da fase desse estado-de-coisas: ou *tudo isso não mais deveria estar no ar*, ou *tudo isso não mais estará no ar*. Já em (5b), *ainda* faz pressupor que a fase negativa ali descrita persiste desde um momento temporal anterior (*a Eddie não tinha gravado e continua a não gravar*) e implica expectativa por mudança quanto à polaridade dessa fase: ou *Eddie já deveria ter gravado*, ou *Eddie vai gravar*.

Trata-se, nos termos de Baar (1996), de uma expressão de polaridade fasal. Segundo Fontes (2016), *ainda* polar corresponde a um primitivo do Nível Representacional, especificamente um **operador lexical** de polaridade fasal, e, ao envolver certo raciocínio temporal (cf. SMESSAERT; MEULEN, 2004) associado a um jogo de polaridades, contrai relações de escopo com o **Estado-de-Coisas** (e).

Como se pode observar, esses dois primeiros usos de *ainda* contraem relações de escopo no interior do Nível Representacional, isto é, escopam entidades que designam unidades de natureza ontológica, como a Propriedade Lexical (Adjetivo ou Verbo), a Propriedade Configuracional e o Estado-de-Coisas. Além disso, *ainda*, na expressão de fasalidade ou de polaridade fasal, corresponde, em termos de primitivo da formulação, a um operador lexical, o que revela seu estatuto intermediário entre léxico e gramática. Os dois usos de que se tratará a seguir contraem relações de escopo no interior do Nível Interpessoal, isto é, escopam entidades acionais, que evocam unidades de natureza discursiva e interacional.

Em (6), (7) e (8), é possível observar exemplos de *ainda* enfático: nesses casos, *ainda* é usado, pelo falante, como mecanismo de saliência ou de reforço comunicativo, destacando alguma (parte de) informação de sua mensagem para, assim, chamar a atenção do ouvinte. Na GDF, e no interior do Nível Interpessoal, *ainda* pode ser, então, tomado como um **operador** de ênfase (*emph*).

- (6) a Lembro-me perfeitamente de que eu não sentia nenhuma tensão, que eu errava muito e ria, sem medo de mostrar nada. Curiosamente, **é esse mesmo espírito que me define na companhia ainda hoje.** (FONTES, 2016, p. 94)
 NI: (**emph** R₁: hoje (R₁))
 NR: (**imperf** f₁: hoje_{Adv} (f₁))
 NM: (Adv_P: [(**G_w**: **ainda**_{part} (**G_w**)) (L_w: hoje_{Adv} (L_w))] (Adv_P))
- b Não estou muito a par desse desenvolvimento, mas estou certo de que ele existe. Não tanto, acredito, quanto na França ou na Inglaterra. Neste último país, por exemplo, já se construiu um edifício de muitos andares sem pilares; as lajes de ferro apoiavam-se nas esquadrias externas. **Ainda na Inglaterra, já se usou concreto trabalhando a “2 a “de 800 quilos,** é bem verdade que usando o cimento aluminoso e o material inerte que tem o nome de ALAG. (FONTES, 2016, p. 92)
 NI: (**emph** R₁: Inglaterra (R₁))
 NR: (**imperf** f₁: Inglaterra_N (f₁)_L)
 NM: (Adv_P: [(**G_w**: **ainda**_{part} (**G_w**)) (Adp_p: na Inglaterra (Adp_p))] (Adv_P))

Em (6a-b), a ênfase veiculada por *ainda* escopa **Subatos Referenciais** (R): em (6a), o escopo de *ainda* recai sobre o Subato Referencial *hoje* (que, no Nível Representacional, corresponde a um modificador temporal), precisando e reforçando o momento temporal em que se dá o fato designado pelo Estado-de-Coisas de *esse mesmo espírito me definir na companhia*³; já em (6b), *ainda* enfatiza e precisa a localização espacial expressa pela locução preposicional *na Inglaterra*, um modificador espacial, no Nível Representacional, e um Subato Referencial no Nível

Interpessoal.

Por outro lado, o uso enfático de *ainda* nas ocorrências em (6) preserva certas nuances de fasalidade (de uma perspectiva pressuposicional), já que, de fato, está sendo enfatizada a permanência ou continuidade da evocação de uma determinada referência. A opção de Fontes (2016) é, então, representar esses casos em termos de alinhamento de representações: alinhada à representação de *ainda* como operador de ênfase (*emph*) do Subato Referencial (R), está sua representação como operador de imperfectividade (*imperf*) da Propriedade Lexical (f), codificado, no Nível Representacional, como Palavra Gramatical (G_w), no interior de um Sintagma Adverbial (AdvP). Segundo o autor, essa proposta de tratamento dá conta do princípio da persistência (HOPPER, 1991), segundo o qual, ao passo que um item ou forma linguística se gramaticaliza, alguns traços de seu significado original tendem a permanecer.

Os exemplos em (7) revelam, por sua vez, um segundo contexto de uso de *ainda* enfático: em construções comparativas de desigualdade (NEVES, 2011, p. 909), atuando como mecanismo de reforço ou de intensificação de grau.

- (7) a Imagine se eu tivesse feito declarações sobre o que eu penso do companheiro Ricardo Berzoini, do que eu penso do companheiro João Vaccari (ex-secretário geral da CUT e atual vice-presidente, também bancário). **Aí a coisa iria ficar mais feia ainda.** (FONTES, 2016, p. 99)
 NI: (**emph** T_i: feia (T_i): [(T_j: mais (T_j))] (T_i))
 NR: (f_i: feia_A (f_i): [(f_j: mais_{Deg} (f_j))] (f_i))
- b **A realidade fica ainda mais grave com o déficit do Governo...** (FONTES, 2016, p. 99)
 NI: (T_i: grave (T_i): [(**emph** T_j: mais (T_j))] (T_i))
 NR: (f_i: grave_A (f_i): [(f_j: mais_{Deg} (f_j))] (f_i))
- c Nós resolvemos suspender os trabalhos da Comissão porque aquelas pessoas que foram ouvidas queriam voltar a depor **para complicar mais ainda a vida daqueles que já estavam implicados.** Então seria uma rosca sem fim. (FONTES, 2016, p. 99)
 NI: (**emph** T_i: complicar (T_i): [(T_j: mais (T_j))] (T_i))
 NR: (f_i: complicar_v (f_i): [(f_j: mais_{Deg} (f_j))] (f_i))
- d Tenho pretensão de entrar mais sério em áreas que Roberto deu destaque total, **inclusive investir ainda mais,** como em educação de trânsito e na área da informática. (FONTES, 2016, p. 99)
 NI: (T_i: investir (T_i): [(**emph** T_j: mais (T_j))] (T_i))
 NR: (f_i: investir_v (f_i): [(f_j: mais_{Deg} (f_j))] (f_i))

Em (7), a quantificação expressa pelo graduador *mais* recai ora sobre os adjetivos *feia* e *grave* (cf. (7a-b)), ora sobre os verbos *complicar* e *investir* (cf. (7c-d)), todos Subatos Atributivos no Nível Interpessoal. Em (7a) e (7c), *ainda* reforça a comparação estabelecida como um todo, escopando o domínio focal da comparação, isto é, o modificador que sinaliza a dimensão da comparação (*mais*) e o foco da comparação (a propriedade designada pelo adjetivo *feia* ou pelo verbo *complicar*); já em (7b) e (7d), a ênfase expressa por *ainda* amplifica a desigualdade veiculada pela estrutura comparativa, seja ela de base adjetival (cf. (7b)) ou de base verbal (cf. (7d)), de modo que *ainda* escopa apenas o Subato Atributivo *mais*. De qualquer forma, em (7a-d), *ainda*, enquanto operador enfático, escopa **Subatos Atributivos**.

Por fim, em (8), o escopo de *ainda* enfático se amplia para um dos núcleos do Ato Discursivo, o **Conteúdo Comunicado** (cf. (8a)), ou para o **Ato** como um todo (cf. (8b)).

- (8) a então isso é muito sério... e a **responsabilidade de vocês... como futuros profissionais do direito ainda se torna maior**... porque vocês de novo... vão estar com aquilo que é mais importante... que é o ordenamento jurídico... (FONTES, 2016, p. 100)

NI: (**emph** C₁: a responsabilidade de vocês... como futuros profissionais do direito se torna maior (C₁))

- b ...quer dizer o teatro eu acho que está caminhando está melhorando...porque o o...essa parte estudantil que está se interessando para isso por isso...está tomando assim::ma/...maior impulso...**mas ainda eu acho que é uma pequena é uma parte menor** (FONTES, 2016, p. 90)

NI: (mas **emph** A₁: eu acho que é uma pequena é uma parte menor (A₁))

Seguindo as considerações de Martelotta (1998), pode-se prever que as sentenças prefaciadas por *ainda* em (8) tem um peso comunicativo maior dentre o conjunto de informações previamente apresentadas pelo Falante. Desse modo, é possível pensar que o escopo de *ainda* enfático é maior que o Subato. Em (8a), por exemplo, o falante, um professor de direito, comunica, no interior de sua aula, um conteúdo (o de que *a responsabilidade dos alunos como futuros profissionais do direito se torna maior*) a seus alunos e, por meio do uso de *ainda*, confere, a esse conteúdo, certa proeminência ou certa saliência, chamando mais a atenção dos ouvintes (os alunos) a ele. Já em (8b), *ainda* enfático parece, de alguma maneira, reforçar a unidade comunicativa como um todo, intensificando a asseveração de *achar que é uma pequena é uma parte menor*; o escopo de *ainda*, em (8b), amplia-se, dessa forma, para o Ato Discursivo.

Em síntese, é possível notar que *ainda*, enquanto operador de ênfase, contrai quatro tipos de relações de escopo no interior do Nível Interpessoal: o Subato Referencial, o Subato Atributivo, o Conteúdo Comunicado e o Ato Discursivo.

Em (9), por fim, exemplifica-se o uso expansivo de *ainda*: trata-se de um mecanismo linguístico utilizado pelo falante para sinalizar, a seu ouvinte, a necessidade de expansão de sua (do ouvinte) informação pragmática. Autores como König (1991), Martelotta (1993; 1998) e Longhin-Thomazi (2005; 2006) têm denominado esse uso de *ainda* de aditivo ou inclusivo.

- (9) a Analisando as ações culturais do Estado a gente não vê o que via no Governo Joaquim Francisco, que era a Fundarpe e tão somente a Fundarpe fomentando a cultura. Na realidade, hoje tem a Secretaria de Cultura com a embaixada que Ariano desenvolve com maestria; tem a Fundarpe executando o que a gente procurou executar, com deficiências lamentáveis de verba e que conseguiu ainda desenvolver o importante projeto O Livro Por um Real, que movimentou todo Estado. **Há ainda a Secretaria de Imprensa desenvolvendo ações culturais como marketing para o Estado, como esse Festival de Cuba.** Então há, na verdade, três ações culturais, três caminhos, com verbas reservadas para cada uma dessas ramificações, sem que entrem em choque. (FONTES, 2016, p. 107)

NI: (C₁: (R₁: a Secretaria de Imprensa desenvolvendo ações culturais como marketing para o Estado, como esse Festival de Cuba (R₁)_{ContExp}) (C₁))

- b JC - O que fez você abandonar a carreira de jogadora? Simone - Não sei muito bem, mas acho que eu já me achava meio velha para aquilo, aos 25 anos. Tinha uma geração de novas jogadoras e eu estava interessada em ensinar. Comecei a trabalhar como treinadora da equipe bauruense e **ainda fiz alguns jogos como atleta até 1991.** (FONTES, 2016, p. 107)

NI: (A₁: (C₁: fiz alguns jogos como atleta até 1991 (C₁)_{ContExp}) (A₁))

Em (9a), ao procurar listar as ações do governo do estado, o falante cita, inicialmente, a *Secretaria de Cultura* e a *Fundarpe*; a partir dessas informações já dispostas cotextualmente, o falante sinaliza a seu ouvinte a necessidade de se incluir outra peça de informação, a *Secretaria de Imprensa*. O mesmo se aplica a (9b): ao ser questionado sobre o abandono da carreira de jogador, o falante traz a informação de *começar a trabalhar como treinadora da equipe bauruense* e, a partir dessa informação, marca sua expansão, acrescentando, para o ouvinte, a informação de *fazer alguns jogos como atleta até 1991*.

No âmbito do modelo da GDF, *ainda* expansivo pode ser considerado um primitivo do Nível Interpessoal. Por seu caráter relacional, isto é, por vincular pragmaticamente unidades

linguísticas, corresponde a um marcador de **função** pragmática, especificamente Contraste Expansivo, materializando o desejo comunicativo do falante em expandir a informação pragmática de seu ouvinte. O que difere (9a-b) é o escopo de *ainda* expansivo: em (9a), seu escopo recai sobre o **Subato Referencial** (R) *Secretaria de Imprensa*; já em (9b), seu escopo está sobre todo o **Conteúdo Comunicado** (C).

Esta seção, em suma, caracteriza a multifuncionalidade de *ainda* no português contemporâneo a partir dos seguintes usos: (i) *ainda* **fasal**, que corresponde a um *operador lexical* das camadas da *Propriedade Lexical* e da *Propriedade Configuracional*; (ii) *ainda* **polar**, que constitui um *operador lexical* da camada do *Estado-de-Coisas*; (iii) *ainda* **enfático**, um *operador* das camadas dos *Subatos Referencial* e *Atributivo*, do *Conteúdo Comunicado* e do *Ato Discursivo*; e (iv) *ainda* **expansivo**, especificamente *função* das camadas do *Subato Referencial* e do *Conteúdo Comunicado*.

2.2. EVIDÊNCIAS PARA UMA ABORDAGEM HIERÁRQUICA DA GRAMATICALIZAÇÃO DE AINDA

Em sua concepção mais clássica, a gramaticalização tem sido definida como crescente ganho de gramaticalidade por parte de um item ou de uma construção, isto é, tem sido associada a uma mudança categorial que se alinha a perda lexicalidade, contrabalanceada por ganho de gramaticalidade. Orientando-se por Hopper e Traugott (2003, p. 18), a gramaticalização pode ser concebida como processo de mudança linguística em que itens ou construções lexicais passam, em certos contextos, a cumprir funções gramaticais e, uma vez já gramaticalizados, podem continuar a desenvolver novas funções gramaticais.

A defesa, aqui, é a de que a multifuncionalidade de *ainda*, atestada com dados sincrônicos do português contemporâneo, evidencia um processo de gramaticalização que pode ser sistematicamente descrito a partir da arquitetura gramatical oferecida pelo modelo da GDF. Com base na proposta de Hengeveld (2017), acredita-se que seja possível determinar trajetórias de mudança associadas a *ainda* que dão evidência de sua decategorização, isto é, de uma mudança categorial que se ajusta a um ganho de gramaticalidade.

A Figura 2 representa uma primeira trajetória de mudança relativa a *ainda*, denominada por Hengeveld (2017) de mudança de conteúdo.

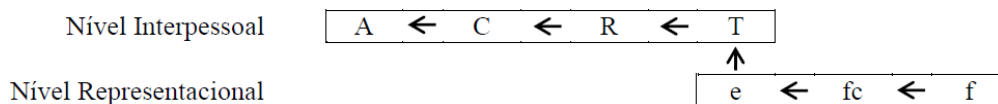


Figura 2. Mudança de conteúdo relativa a *ainda* (FONTES, 2016, p. 120)

Em relação à mudança de conteúdo de *ainda*, defende Fontes (2016) que a figura 2 deixa evidente a ampliação das relações de escopo do item: de uma camada mais baixa do Nível Representacional, a Propriedade Lexical (f), suas relações de escopo atingem camadas mais altas do Nível Interpessoal, como o Conteúdo Comunicado e o Ato Discursivo. Assim, a figura 2 mostra que a mudança de conteúdo de *ainda* pode ser mapeada em três vias:

(i) considerando seus escopos no interior do Nível Representacional, nota-se, numa via horizontal, ampliação da Propriedade Lexical (f), para a Propriedade Configuracional (fc) até o Estado-de-Coisas (e);

(ii) numa via vertical, a extensão das relações de escopo de *ainda* parte do Nível Representacional para o Nível Interpessoal;

(iii) por fim, considerando-se seus escopos no interior do Nível Interpessoal, o escopo de *ainda* abrange não só unidades internas ao Ato Discursivo, como Subatos Referenciais (R) e Atributivos (T) e Conteúdo Comunicado (C), mas também o Ato Discursivo (A) como um todo.

Já em relação à mudança formal, nota-se que, quando escopa unidades hierarquicamente mais baixas, do Nível Representacional, *ainda* configura um operador lexical; já quando seu escopo se amplia para as camadas do Nível Interpessoal, *ainda* corresponde a um operador ou a uma função. Considerando *operador* e *função* como primitivos do polo mais gramatical, e *operador lexical* um primitivo de estatuto intermediário entre léxico e gramática, Fontes (2016) desenha o seguinte *cline* de mudança formal para *ainda*: operador lexical > operador > função.

Esse cline permite precisar não só a gradual decategorização por que passa *ainda*, mas

também o gradativo ganho de gramaticalidade por parte desse item: em seus usos mais básicos e concretos, enquanto forma de expressão de aspecto fasal e polaridade fasal, *ainda* encontra-se, em termos categoriais, entre o léxico e a gramática; já em seus usos mais interpessoais, como ênfase e contraste expansivo, *ainda* figura como primitivo de estatuto mais gramatical. A verticalidade de sua mudança de conteúdo acompanha, portanto, a perda de lexicalidade, contrabalanceada pelo ganho de gramaticalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs um exercício de análise: abordar, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da GDF, o processo de gramaticalização. Para tanto, tomou, como objeto de estudo, a multifuncionalidade de *ainda* no português contemporâneo, precisando e caracterizando, a partir da proposta de Hengeveld (2017), seus quatro usos: fasal, polar, enfático e expansivo.

Sua conclusão mais central é a de que, ao compatibilizar a arquitetura da GDF aos princípios que definem a gramaticalização,⁴ é possível delinear uma abordagem hierárquica da gramaticalização, nos termos de Hengeveld (2017), a partir do reconhecimento e da distinção de dois processos distintos: a mudança de conteúdo, que envolve alterações nas relações de escopo de um item ou de uma construção, e a mudança formal, que mapeia alterações categoriais e perda de lexicalidade por parte de um item ou de uma construção.

REFERÊNCIAS

- AUWERA, J. van der. Phasal adverbials in the languages of Europe. In: AUWERA, J. van der; BAOILL, D. P. Ó. Adverbial constructions in the languages of Europe. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 25-145.
- BAAR, T van. Phasal polarity. Dordrecht: Foris Publication, 1996.
- BRINTON, L.; TRAUOGOTT, E. Lexicalization and language change. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BUTLER, C. S. Functionalist approaches to language. In: _____. STRUCTURE AND FUNCTION: a guide to three major structural-functional theories. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003. p. 1-31.
- BUTLER, Christopher S.; TAVERNIERS, Miriam. Layering in structural-functional grammars. *Linguistics*, 46 (2), p. 689-756, 2008.
- CASSEB-GALVÃO, V. Gramática discursivo-funcional e teoria da gramaticalização: revisitando os usos de [diski] no português brasileiro. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 13(2), 2011, p. 305-355.
- DALL'AGLIO-HATTNER, M. M.; HENGEVELD, K. The grammaticalization of modal verbs in Brazilian Portuguese: a synchronic approach. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 15, p. 1-14, 2016.
- FERREIRA, B. Rota de Gramaticalização dos advérbios *ainda* e *sempre*. *Filologia e linguística portuguesa*, n. 13, v. 2, p. 505-516, 2011.
- FONTES, M. G. A distinção léxico-gramática na Gramática Discursivo-Funcional: uma proposta de implementação. 2016. 236f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", *campus* de São José do Rio Preto, 2016.
- _____. Abordagem hierárquica da gramaticalização de construções clivadas em interrogativas de conteúdo. *Revista do GEL*, v. 15, p. 10-37, 2018.
- _____. A ordem no mapeamento de distintos uso de *ainda*. no prelo.
- GARCÍA CASTILLERO, C. Grammaticalization of the conditional form in Old Irish. In: HENGEVELD, K., NARROG, H., OLBERTZ, H. (Eds.). *The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, no prelo.
- GIOMI, R. The interaction of components in a Functional Discourse Grammar account of grammaticalization. In: HENGEVELD, K., NARROG, H., OLBERTZ, H. (Eds.). *The*

Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

GRITTI, L. L. 'Ainda' tem solução: uma proposta semântica. 2008. 108f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

_____. *Ainda* há o que fazer, mas *já não mais* aqui! Uma análise semântico-pragmática de *ainda* e *já não mais*. 2013. 223f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

HEINE, B.; KUTEVA, T. The genesis of grammar: a reconstruction. New York: Oxford University Press, 2007.

HENGEVELD, K. A hierarchical approach to grammaticalization. In: HENGEVELD, K., NARROG, H., OLBERTZ, H. (Eds.). The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

_____. The grammaticalization of tense and aspect. In: NARROG, H.; HEINE, B. The Oxford Handbook of Grammaticalization. New York: Oxford University Press, 2011, p. 577-591.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Reflections on the lexicon in Functional Discourse Grammar. *Linguistics*, v. 54, n. 5, p. 1135-1162, 2016.

_____. Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (orgs.) Approaches to grammaticalization. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 17-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KEIZER, E. The lexical-grammatical dichotomy in Functional Discourse Grammar. *Alfa*, São Paulo, n. 51, v. 2, p. 35-56, 2007.

_____. English prepositions in Functional Discourse Grammar. *Functions of Language*, 15(2), p. 216-256, 2008.

_____. Verb-preposition constructions in Functional Discourse Grammar. *Lingua* 119(8), p. 1186-1211, 2009.

_____. Proforms in Functional Discourse Grammar. In: GARCÍA VELASCO, D.; WANDERS, G. (eds.). The Morphosyntactic Level in Functional Discourse Grammar. *Language Sciences*, 34(4) (Special Issue), p. 400-420, 2012.

_____. The *X is (is)* construction: an FDG account. In: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. (eds.). *Casebook in Functional Discourse Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 213-248.

_____. Idiomatic expressions in Functional Discourse Grammar. *Linguistics*, v. 54, n. 5, p. 981-1016, 2016.

KÖNIG, E. The Meaning of Focus Particles. Routledge: London, 1991.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Um exemplo de (inter)subjetivização na linguagem: a reconstrução histórica de 'ainda'. *Estudos Lingüísticos (São Paulo)*, v. 34, p. 1361-1366, 2004.

_____. Gramaticalização de conjunções coordenativas: a história de uma conclusiva. *Gragoatá (UFF)*, Rio de Janeiro, v. 21, n.21, p. 59-72, 2005.

MARTELOTTA, M. E. Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma abordagem funcional. 1993. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 1993.

NESPOR, M.; VOGEL, I. Prosodic phonology. Dordrecht: Foris, 1986.

NEVES, M. H. M. Gramática de usos do português. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

OLBERTZ, H. Lexical auxiliaries in Spanish: How and why? *Linguistics* 54 (5), p. 947-979, 2016.

_____; HONSELAAR, W. The grammaticalization of Dutch *moeten*: modal and post-modal

meanings. In.: HENGEVELD, K., NARROG, H., OLBERTZ, H. (Eds.). *The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

SMESSAERT, H.; MEULEN, A. Temporal reasoning with aspectual adverbs. *Linguistics and Philosophy*, v. 27, n. 2, p. 209-261, 2004.

SOUZA, E. R. F. Gramaticalização dos itens linguísticos *assim*, *já* e *ai* no português brasileiro: um estudo sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. 2009. 260f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2009.

_____. Os usos de 'assim' no português falado do noroeste paulista sob a perspectiva da gramática discursivo-funcional. *Estudos Linguísticos (São Paulo)*, v. 39, p. 73-88, 2010a.

_____. O percurso de gramaticalização dos itens linguísticos *assim*, *já* e *ai* no português falado do interior paulista: uma abordagem discursivo-funcional. *Sínteses (UNICAMP. Online)*, v. 15, p. 348-375, 2010b.

_____. Gramaticalização de 'ai' no português falado do interior paulista. *Estudos Linguísticos (São Paulo)*, v. 40, p. 92-107, 2011.

_____. Um estudo discursivo-funcional de 'assim', 'já' e 'ai' no Português falado do noroeste paulista. In: _____. (Org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. 1ed. v. 2. São Paulo: Contexto, 2012. p. 67-92.

TENA DAVALOS, J. The end of a cycle: Grammaticalization of the future tense in Mexican Spanish. In.: HENGEVELD, K., NARROG, H., OLBERTZ, H. (Eds.). *The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

VILLERIUS, S. Modality and aspect marking in Surinamese Javanese: Grammaticalization and contact-induced change. In.: HENGEVELD, K., NARROG, H., OLBERTZ, H. (Eds.). *The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017.

NOTAS

- 1 Deve-se dar destaque aqui aos seguintes trabalhos: Casseb-Galvão (2011), Dall’Aglío-Hattner e Hengeveld (2016), Fontes (2016; 2018), García Castillero (2017), Giomi (2017), Hengeveld (2011; 2017), Keizer (2007; 2008; 2009; 2012; 2013; 2016), Olbertz (2016), Olbertz & Honselaar (2017), Silva-Surer (2014), Souza (2009; 2010a; 2010b; 2011; 2012), Tena Dávalos (2017), Villerius (2017).
- 2 O correlato morfossintático que permite distinguir essas diferentes relações de escopo contraídas por *ainda* fasal é a disposição linear do item na sentença. A extensão espacial deste trabalho e sua temática mais central impede a exposição desse tipo de desenvolvimento analítico, o qual se encontra presente em Fontes (2016; no prelo).
- 3 Para Fontes (2016), em casos como (6), pode-se notar, alinhado à natureza enfática *ainda*, a persistência do significado fasal típico de seus usos representacionais. A proposta do autor é, então, abordar tais casos em termos de alinhamento de representação nos níveis Interpessoal e Representacional (cf. FONTES, 2016, p. 87-95), isto é, trata-se de um uso de *ainda* com representações distintas nos dois níveis da formulação. Para efeitos deste artigo, e dado o limite de sua extensão, a opção é seguir com a representação de *ainda* como operador enfático do Subato Referencial.
- 4 A gramaticalização, neste trabalho que toma uma perspectiva sincrônica em relação aos dados, é considerada em seu “sentido funcional de acionamento de possibilidades concomitantes, representativas de diferentes graus de coalescência semântica e/ou sintática na organização do enunciado” (NEVES; BRAGA, 1998).